



Gaiato



Quinzenário • 23 de Janeiro de 1993 • Ano XLIX - N.º 1275 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

ENCONTROS em Lisboa

O totalitarismo do consumo domina tudo e todos

É frequente ser-me feita a pergunta: — *Quais as vossas maiores necessidades?* Não tenho uma lista classificada à mão e habituado a viver do que nos dão, quase fico calado sem saber por onde começar. Vejo na pergunta uma preocupação pelas coisas materiais. Gostariam que nada nos faltasse.

É bem verdade que o homem precisa, para o seu desenvolvimento normal, de se rodear de certas coisas quer a nível da protecção contra as doenças e intempéries, quer a nível da higiene e alimentação, quer a nível da educação e formação. Porém, reduzir as necessidades humanas às coisas é, no mínimo, pensar de alguma forma o homem também como uma coisa rodeado de coisas. Por experiência, tenho aprendido que a maior felicidade humana tem a sua origem no «amar e ser amado», tanto no seio da família como nos laços de vizinhança ou sociais mais alargados. Recebo muitas cartas que são gritos de solidão, uma solidão

construída ao longo da vida. Por motivos diversos não houve nas suas vidas tempos para criar a amizade e solidariedade. Tiveram todas as coisas: saber, carreira, bens... mas, quando tudo isto deixou de ter importância faltou o essencial: ver-se envolvido num ambiente onde se possa ouvir e apalpar o «eu gosto de ti», e «eu estou contigo». Os novos têm muitas dificuldades em aprender com estes gritos e, por isso, não aprendem, às vezes, o essencial. Temos que reco-

nhecer que o totalitarismo do consumo domina tudo e todos: coisas, coisas e mais coisas. Veja-se o que resta da propaganda sobre o Natal, dia do Pai, dia da Mãe, aniversários...

Servir e dar a vida

Naturalmente que a maior necessidade sempre repetida e sempre actual passa por aqui: são necessárias pessoas que amem, acolham, aconcheguem, acarinhem,

Continua na página 3

Uma parálitica que não vive debruçada sobre si

Na encosta da serra, em meio de frondosa vegetação, possui uma vivenda moderna com espaçosa sala-de-estar, em que sobressai um enorme fogão de lenha, colocado ao centro. Móveis antigos, candeias de latão, jarrões de flores, quadros nas paredes adornam o ambiente e aquecem a sala. Larga vidraça deixa ver os jardins e a piscina oval. Cadeiras de ferro em torno de uma mesa igualmente de ferro, pintadas de branco, falam de refeições ali tomadas em dias de sol e de calma.

Mas apesar deste remanso de lazer e conforto, o seu mundo não termina aqui. Bem pelo contrário. Foi vítima de

Calvário

acidente de viação, ficou parálitica dos membros inferiores e hoje estes são substituídos pelas rodas do carro que os filhos vão tangendo, pois para o deslocar nem forças tem nos braços. Contudo, continua a dar aulas na escola da Vila. É uma necessidade psicológica este labor diário. Deste modo não é uma inútil. Não vive debruçada sobre si, sobre o seu «azar». Dá aulas aos seus alunos e lições de coragem e vontade de viver a quantos encontra e com ela convivem.

Sentimo-nos, de facto, pequeninos diante de tanta grandeza. A fatalidade não esmaga nem atrofia no seu espírito.

Continua na página 3



O Fontes, chefe dos «Batatinhas» da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

MALANJE

DIA A DIA

23/10

É hoje o aniversário do nascimento de Pai Américo.

Com a abundância das chuvas, como ele sentiria na alma a pujança desta fertilidade!

E vibraria, como criança, ao rebentamento quase repentino dos cachos vermelhos nas acácias-rubras!

E sonharia, elevado, ao contemplar os jacarandás floridos no seu lilás-suave!

25/10

São filhos da guerra, os nossos abacateiros!

Em 1975, ainda com o fumo dos tiros e o reluzir das espingardas, fomos a 60 quilómetros da cidade buscá-los a uma fazenda-escola, onde havia viveiros enxertados. Plantámo-los, então, num pomar. São hoje árvores frondosas de fruto e de sombra.

Tantos que se têm deliciado com as nossas pêras-abacates!

Agora, tiros no ar e confusão e nós fazendo covas para plantarmos mais abacateiros!

Filhos da guerra, de verdade!

27/10

Apanhou-me o tiro-teio na cidade. Os soldados fizeram-me alto: «Pára velho». Subiram e: «Direita... esquerda... Pára». Ficaram no centro de um bairro. Refugiei-me na Casa das Irmãs mais próxima.

Noto que começa a crescer uma certa angústia nos corações.

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Natal na Rua

O nosso Natal foi tempo de muitas emoções. A árvore de Natal, na cidade, um acontecimento. Pretendia-se fazer uma chamada de atenção à criança desamparada.

O elevado número de crianças que anda na rua, para a maioria, não são mais que o resultado de anos de guerra e fome; para uma minoria, um permanente incómodo pelas suas consequências; para muito poucos, uma preocupação de procurar soluções e apoio às que vão despontando. Aqui podemos incluir todas as pessoas e famílias que

levaram as suas ofertas, quase sempre pela mão dos filhos. Algumas empresas ofereceram os seus produtos. Os meios de Comunicação Social, eles mesmos causa e efeito da motivação, com especial relevo para a TVE.

Os promotores, a *Academia do Bacalhau* que lançou e materializou a ideia, numa presença contínua de quatro dias, de manhã à noite. A Associação dos Estudantes da Escola Portuguesa e o Conselho Executivo da Cidade que permitiu, ofereceu a árvore, o espaço e a luz. Conjugação magnífica

e efeito inesperado. O 25 de Dezembro tinha-se mantido como uma reserva ao respeito pela Família moçambicana. Neste desabrochou Natal. Natal na Rua, Natal na cidade, como não podia deixar de ser, com fundo religioso que despertou e agradou a todos, como sentimento público de Festa. Católicos ou não, até da comunidade indiana, desligada do sentido religioso do Natal, houve a maior colaboração.

Pelas cinco da manhã do dia de Natal, os nossos mais velhos foram largados na cidade e às seis iniciou-se a recolha. Cento e cinquenta estavam às sete horas dentro do autocarro que a Mabor pôs à disposição e da nossa camioneta, a caminho da fazenda. A TVE e o *Notícias* acompanharam.

Aqui, foi servido o pequeno-almoço pelos nossos. Um pequeno-almoço farto. Além do leite e pão, fruta e doces. Depois, um banho endiabrado

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

PENSIONISTAS — Sofrem a precaridade das suas pensões!

Dantes, era muito pior, não há dúvida. Tempos de fome. Muitos nem estavam abrangidos pela Segurança Social.

O primeiro, do dia, entrega o receituário sem nos olhar de frente, envergonhado: — *Não posso mais...!* Tem uma filha deficiente. Ele, outras doenças. Vítima do desemprego, amargou até mais não e regressa com magra pensão: — *Com'ê q'a gente pode agantar esta vida...!?*

Mais outra. Também pensionista. Jamais poderia tratar a débil saúde, não fosse o crédito dos nossos Leitores, na farmácia: — *Vejam... A reforma ia toda prà botical!*

Agora, que tudo caminha sem fronteiras — na velha Europa das civilizações — os maiores bolos são para o desenvolvimento económico: criação de riqueza e postos de trabalho. Todavia, se não for dado aos Pobres o lugar que merecem — numa sociedade dita cristã — trabalha-se apenas para o deus-milhão...!

PARTILHA — Dez mil, do assinante 31490. Presença amiga dum velho Amigo, do Porto, com residência na Rua Tomé de Sousa. Dois mil, do assinante 6205. Mil, do 8632. Idem, de Guilhermina. «*A habitual contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, relativa ao segundo semestre de 1992*», pela mão duma assinante, de Espinho. Óbulo natalício da assinante 524, de Vila Nova de Gaia, para vários sectores, inclusivé os Pobres, «*com o pedido de orações*». Foi a primeira a comunicar com o nosso Deus!

O costume, do assinante 17258, de Baguim do Monte — Rio Tinto. Com os olhos no Céu passa, agora, a assinante 8618, de S. Pedro do Sul, «*pelos melhoras da minha irmã*». Mais dez contos, da assinante 20174, de Coimbra, «*para algum Pobre mais necessitado — e não percam tempo nem dinheiro a agradecer*». Estas recomendações cristãs são votos que persistem desde a primeira edição d'O GAIATO. E mais: são «*espírito de pobreza como fonte de paz*», na mensagem de João Paulo II.

Mais dois mil, de Goães (Vila Verde). Mais quatro mil, de Santa Cruz do Douro (Baião). Mais um cheque de antigo companheiro da extinta Escola Comercial Mouzinho da Silveira, Porto, que foi *univer-*

Pelas CASAS DO GAIATO

sidade de muitos gestores, empresários e técnicos de contas. Aqui se retribui o «*grande abraço*» ao amigo Baptista.

Um conto, de Fátima, pela mão do assinante 31685, que sublinha, no topo do cartão, uma saudação à Mãe de Jesus — e nossa Mãe para os que têm fé: «*Avé Maria!*»

De Lisboa, a habitual mis-siva da assinante 24851, um cheque, e recortes desta coluna referindo a sua intenção. Mais um cheque, da assinante 33337: «*É pena fecharmos os olhos à Luz que não nos encandeia mas ilumina o Caminho que todos deveríamos seguir*». Doutrina!

No fim da *procissão*, e com «*saudações fraternas*», segue «*uma assinante de Paço de Arcos com a partilha de Dezembro*» (e mais...), há quantos anos! Tantos juro no Banco da Providência!

É tudo. Retribuímos, com amizade, os votos de santo Ano Novo. E, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

ELEIÇÃO — No dia 7 foi a eleição do novo chefe-maioral, pois o Lupricínio foi chamado à vida militar.

A maioria dos que têm capacidade para votar, elegeram o «*Shéu*» com 22 votos e o «*Corneto*», sub-chefe, com 12 votos.

Desejamos-lhes boa sorte e um bom trabalho.

POMAR — O nosso Padre Horácio anda muito atarefado com o aspecto do pomar. Já plantou mais árvores de fruto e houve outras reparações para embelezamento do local.

ESCOLA — Continua normalmente. Agora, veio uma nova professora substituir a D. Teresa que esteve conosco muitos anos.

AGRADECIMENTOS — Agradecemos a todas as famí-

lias, amigos, etc..., tudo quanto nos têm oferecido: alimentos, brinquedos, etc., que serviram para as prendas de Natal dos mais novos.

A nossa gratidão, também, às fábricas Longa Vida e Gresso, que nos deram grandes quantidades de iogurtes. Muito obrigado.

«*Vitinho*»

MIRANDA DO CORVO

NATAL — Finalizou uma das quadras mais festivas que se celebram ao longo do ano.

São as montras todas enfeitadas e a música que alegra as ruas, a troca de presentes e a festa da família.

É pena que algumas pessoas vivam o Natal só com doces, presentes, etc. Formas muito superficiais de celebrar uma data que é muito simples, mas com grande significado.

Afinal em que consiste o Natal? O festejar do nascimento de um Menino que nasceu numa manjedoura envolto nos bafo dum burro e duma vaca. Podia ter sido num palácio, se necessário num berço de ouro, mas quis dar o exemplo de generosidade e de humildade, e nós por vezes esquecemo-nos do que celebramos — e exageramos. É verdade que os presentes e os doces são agradáveis e necessários. Ajudam a festa, mas não nos limitamos apenas a isso!

Aproveitamos para agradecer a todos os que partilharam o seu Natal conosco — num acto de fraternidade.

RETIRO — Nas férias do Natal os mais velhos da nossa comunidade estiveram em Retiro, na Arrábida, casa de praia da nossa Casa do Gaiato de Setúbal.

A zona é muito linda. Possui uma flora característica. Algumas espécies são únicas em toda a Europa. A costa é rochosa. Tem muitas grutas e algumas praias minúsculas.

As condições climatéricas também favoreceram: três dias cheios de sol!

Nenhum dos nossos rapazes conhecia a zona. Ficámos fascinados pela beleza ímpar daquele local.

Ao longo dos dias de Retiro houve diversas actividades que nos convidaram a reflectir e a rever a nossa situação com Deus e os irmãos. Esteve como orientador o Padre João Caniço. Todos aproveitámos. Cada qual à sua maneira.

Esperamos que os participantes tenham aproveitado da melhor maneira e alcancemos os objectivos propostos.

António Maria

Associação dos Antigos Gaiatos do Centro

O Menino nasceu, o Menino nos foi dado.

Queremos oferecê-lo a todos vós, na amizade, na compreensão, na solidariedade; enfim, nesta comunhão de vida que é a família da Obra da Rua.

Mais uma vez viemos à Casa de todos nós, onde sempre somos recebidos como família, não só pelos rapazes, mas também pelas senhoras, Padre João e Padre Horácio que quiseram com a sua presença acolher-nos com o seu amor de pais.

Ao vivermos este tempo de Natal e o primeiro dia do ano, sentimos vontade de comunicar convosco para dizer que foi bom estar aqui e desejar a todos um ano pleno de saúde, paz e amor.

Um sócio

Sabedoria

Eu sei bem
Que possuo também
A força da beleza
Da Mãe-Natureza!
Parcela essencial
Da Harmonia Universal
— Salvemos o Universo
Que ainda é belo!

Eu sei bem
Que sou também
O voo da águia
Por cima das árvores!
O calor do lume
E a imaginação da Juventude!
A força do vento.
Que põe o mar violento!

Eu sei bem
Que a vida
Tem mais sentido
Que os meus sonhos
Em direcção ao Além...
Que os meus males de cobiça
Sejam punidos
E acabem em escombros.

muito que fazer! Para os fins de Abril, se tudo correr bem, faremos a digressão. Não somos actores profissionais, mas actuaremos o melhor possível. Entretanto, daremos mais notícias e, como sempre, pedimos caixas de pinturas para os travestis.

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — No ano que findou, verificamos com alegria, nos corações, como alguns obstáculos, parecendo outrora intransponíveis foram, com a graça de Deus e empenho de todos nós ultrapassados, superando as dificuldades inerentes. Sim, fomos «*nós*» porque sem a vossa imprescindível ajuda, nada, ou quase nada, seria possível concretizar.

Assim o casal Maria do Céu, já vosso conhecido, recebeu a nova casinha em 18 de Dezembro. Todos felizes, pois para eles foi a maior prenda de Natal.

No dia 19 de Dezembro, procedeu-se à realização da pequena festa destinada aos nossos Pobres e seus filhos, a quem distribuímos prendinhas.

Solicitamos ainda que, se algum leitor dispuser duma pasta de livros escolares ou mochila que considere desnecessária, possa concedê-la a um nosso irmão pequenino que irá começar a pré-escola.

Obrigado.

RECEBEMOS — Da nossa amiga, da Holanda, 7.000\$00. J. R. D., 5.000\$00 e um cober-tor. Muito obrigado. Anónima, de Fiães, cheque de dez mil escudos; Assinante 8896, vale de 2.000\$00; Assinante 10070, 1.000\$00; Maria Etelvina, 10.000\$00; José M. C. Almeida d'Eça, 10.000\$00; M. M., 5.000\$00; Anónimo, 20.000\$00; cheque de 7.000\$00, de Leonilde Palma.

Casal vicentino



Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa



Manuel Amândio

Em todas as nossas Casas a limpeza doméstica é feita pela comunidade

Mozambique

Cont. da pág. 1

num tanque de água. Distribuiu-se roupa nova e calçado por todos. Os trapos em monte para serem queimados. Alguns foram medicados. A quantos foi possível fez-se limpeza à cabeça. Almoçaram abundantemente. Embora o programa previsse a ocupação da tarde, houve que abreviar. Começaram a venda de brinquedos, as trocas e as violências de alguns mais velhos que não podemos evitar. Todos em ordem, regressaram aos transportes, de volta à cidade. Foi o bastante para lhes marcar o coração com um dia de festa e deixar neles a esperança de virem para o que é seu: um mundo novo com uma vida nova que ansiamos

Cont. da pág. 1

Sem qualquer complexo vai onde todos vão. Anda por onde todos andam. Perturba-nos até a sua afirmação de igualdade. Não conhece barreiras físicas. Mantém-se a par dos problemas da sociedade em geral e dos da vizinhança em particular.

Foi exactamente ela quem nos deu a conhecer alguns quadros de miséria que tenho visitado e recolhido no Calvário.

Certamente que a sua situação a torna mais sensível aos irmãos infelizes, aos abandonados pela sociedade. Mas enquanto outros se fecham no seu mundo de dor, de desgraça e amargura, ela encontra novo alento para se irmanar mais profundamente com aqueles

materializar com a ajuda de Deus e de todos.

Árvore de Natal

Ainda como resultado da árvore de Natal, além de almoço para as seiscentas crianças da Escola, custeado por uma senhora italiana que, o ano passado, nos visitou, houve brinquedos, roupa, guloseimas e sumo de laranja.

Da roupa que os nossos Amigos entregam às Casas do Gaiato em Portugal, foram levadas dez peças às 906 famílias da Massaca. Dos géneros deixados junto da árvore de Natal, distribuímos arroz, feijão, brinquedos e roupas pela Obra dos Rapazes da Irmã Fernanda, Mamas de Mavalane e Obra da Madre Teresa.

A alegria de dar inundou oito dias o coração dos nossos rapazes. Mais ainda: marcou o Natal de Paz em Maputo. Um Natal no coração. Uma esperança que brilha agora mais forte. Uma bênção magnífica de Deus Pai.

Padre José Maria

Calvário

em quem vê semelhanças consigo própria.

Conheço muito boa gente a quem a vida nunca negou favores e que vive totalmente distanciada da situação dos Outros. Com tempo, dinheiro, saúde e disponibilidade alheia-se do mundo dos fracos e pobres. Esta senhora, com tempo é certo, mas sem saúde, ganhou coragem nova para ir ao encontro dos Outros. Sabe até impor aos seus conhecidos, aos seus alunos e amigos o dever de trabalharem pelos Outros. E foi assim que, pelo Natal, aqui veio com um carro, cheio de variadas coisas que ela e os amigos recolheram na sua terra. Um regalo de prendas!

Padre Baptista

Continuação da página 1

4/11

A guerra aconteceu. Está implantada. Rebentamentos fortes dão-nos a ideia de verdadeira guerra e assustam-nos.

Os nossos rapazes continuam tranquilos. Os tiros não os assustam grandemente.

Os pássaros cantaram na ida do sol, e enquanto durou o clarão vermelho.

5/11

Há quatro dias que não passam os carros, nem o comboio nem aviões. Também não há comunicações com Luanda.

Nem viagens nem sonhos! Tudo parou. O próprio tempo, parece.

Faz-me bem enfrentar esta realidade. Terreno propício a mudança... Mais uma caminhada para o desapego das coisas e para uma selecção mais cuidadosa dos sonhos e dos projectos.

7/11

O tiroteio amainou.

Já fomos à cidade. Quase como em 75. Tudo saqueado: armazéns, lojas, algumas repartições do Estado e bastantes casas particulares. Uma desolação!

Fenómeno social?

A guerra é um monstro que não se compadece com nada.

Tenho o coração triste.

Não dá para poesia. Porém, a natureza não vacila: as manhãs têm sido belas e os poentes de sonho! As plantas continuam a crescer! Os pássaros cantam... e cantam. Os nossos campos de milho vicejam!

Deus seja louvado!

26/11

Já no 26 reparei no 25. Ficou branca a folha do meu aniversário! Hoje, 26, estou

MALANJE

colmatando esta brecha sem importância. No entanto vem, como fonte de reflexão. Com que rapidez se sucedem estes aniversários... Sessenta e sete! Meu Deus, onde isto vai já!

E o que tenho nas mãos?

Os frutos?

Mãos vazias e passos trêpegos...?

Somente, a Misericórdia do Senhor.

27/11

Os trotes de rolamentos, feitos pelos nossos rapazes, rolam na rua de alcatrão!

É mais um sinal de esperança... Não contam muito os acordos dos grandes, mas, muito mais, as canções do Brandão e os trotes de rolamentos.

Lá andam eles! Ouço, daqui, aquele rolar troteado que me consola e, não há dúvida, repele o som das armas.

29/11

Continuam as aflições do

Povo e o seu êxodo para a cidade. Fugiram já cinco aldeias. Estão passando aqui na estrada: Cestos à cabeça, roupas, utensílios de cozinha, seus luandos, patos e cabras... Como o povo de Deus a caminho do deserto!

Impressiona-me muito a resignação das mães com os bebés às costas...

Povo sofredor! Povo mártir!

Já somos nós a linha de fronteira...

6/12

Foi dito aos responsáveis que o Povo inocente está sendo pisado como palha seca...

«Dá porco; dá galinha; dá dinheiro» — armas apontadas...

Não temos mais por onde sofrer. O verdadeiro rosto do Senhor! Humilde, manso e doloroso...

Neste momento de angústia e sofrimento, para muitos, a vida não vale uma folha seca caída da árvore.

O dom da vida!

Urgente e necessário falar à nova geração no dom da vida.

Natal!

O eco dum sino numa quebrada longínqua... A uns escassos dias, e nem uma palavra, um sinal.

Malanje é uma ilha «cercada de água» por todos os lados menos pelo ar... Só voando... E asas?

Talvez o Menino Jesus venha nas asas dos Anjos...

Não vai encontrar chaminés, lareiras, nem sapatinhos de crianças para pôr as nozes e os brinquedos de Natal.

Encontrará muitas mães que perderam os filhos; muitos filhos que perderam seus pais.

Que bom se o Senhor Jesus nos trouxer um raiozinho de luz para os que roubam e matam... E outro de Esperança para aqueles que sofrem no corpo e na alma tantos atropelos.

Vem, Senhor, vem!

Padre Telmo

Continuação da página 1

eduquem, perdoem. Para que uma Casa do Gaiato seja família para os sem-família não pode passar sem ter pessoas totalmente disponíveis, quer senhoras quer sacerdotes.

Aqui, entramos no terreno onde a Igreja é chamada a actualizar a profecia de Jesus Cristo: Não se trata do dar, trata-se do dar-se. Neste ponto a Igreja encontra o seu ser profundo para o mundo: Deus é Amor; Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho; ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus; o Filho do Homem não veio para ser

ENCONTROS em Lisboa

servido mas para servir e dar a vida por uma multidão. Mistério de comunhão-doação vivido e transmitido.

Sempre me pareceu ser este o grande problema que a pedagogia da fé enfrenta. Como passar de um enunciado intelectual da fé para uma prática à semelhança de Jesus de Nazaré?

Desenvolvem-se muitas campanhas de partilha disto e daquilo. Consegue-se mesmo um certo sucesso. Criou-se mais comunidade? A criação de comunidade-comunhão é um processo

muito lento e, às vezes, falta o tempo para as pessoas poderem exprimir-se e assim entrar em comunhão. Têm-se criado muitos centros paroquiais e sociais suportados, em grande parte das despesas, pela generosidade das populações. Quantas pessoas aí se dão? Quantos voluntários aí entregam a sua vida, o seu saber, o seu tempo, a sua paciência? Com frequência, muito poucos. No entanto, é este dar a vida que falta como testemunho aos jovens, para que também eles possam aprender a fazer o dom de si. Esta é uma necessidade nossa, da Igreja, dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Padre Manuel Cristóvão

Tribuna de Coimbra

O Natal. Entre nós, uma verdadeira experiência de Jesus que Se revela preferencialmente, como há 2000 anos, aos Pobres. A eles mostra as maiores surpresas da vida terrena e do Céu. O Reino de Deus.

O timbre da nossa festa foi a simplicidade e a alegria. Os olhos e o coração dos rapazes não enganam. Eles, a melhor amostragem.

De fora, a multidão de Amigos que por cá passou. Da outra vez eu disse que era uma procissão; que daria conta dela. Assim foi. Lousã, 10 mil, com votos de santo Natal. Logo a seguir, Santarém com 5 mil partilhados «com muito sofrimento e renúncia, mas com amor. O marido está doente; as reformas são baixas...» — um mundo de queixas justas.

De Penela: «pequena oferta...». Da Curia: «para os vossos rapazes...», 5 mil. De Leiria, 2 mil «para ajudar o Natal das vossas crianças». Da Covilhã, «uma pequena fatia de bolo-rei...» com votos de que «se reproduza...»: 5 mil escudos. De Soure, um cheque «para os desprotegidos». Mais 5 mil «para a Obra social praticada por essa tão humanitária Instituição...». Ainda, de Coimbra, 3 mil e «votos extensivos aos seus Rapazes».

Voltamos a receber, de Leiria, «umas migalhinhas...» que somaram 18.500 escudos. Agora, de Tomar, «para a minha assinatura e o resto para os Pobres que, neste momento, achar mais carenciados», 25 mil. Coimbra volta no correio. Primeiro, um abraço; depois, quem escreve faz doutrina: «É Natal. É altura da partilha. Felizmente que Deus nos ilumina para termos o senso de partilhar...». E acrescenta: «É uma migalha». Por fim, o concreto: 70 contos.

Agora, de Castelo Branco, 9000 escudos: «São restos do Natal!». Outra vez Leiria com «uma modesta dádiva»: 5000 escudos. De Coimbra, o amigo do costume com os 3 mil. Da Figueira da Foz, Adelino com 7 mil e votos de santo Natal. Cantanhede: «Profundamente reconhecida pelo que a Obra tem desempenhado ao longo dos anos...», 30 mil «para que continue no futuro...», e um desabafo acertado: «Tomara que não fosse necessária...».

Da Pampilhosa, 4 mil, com os votos já ditos. De novo, de Coimbra, «com muito carinho e admiração pela Obra», a Cesaltina manda 20 mil. Um salto da serra para cá com uma linda carta. É Castelo Branco com um vale de correio que vale 5 notas de mil. De Montemor-o-Velho, outro de 5 mil. Vizinho, nosso amigo e que nos tem acompanhado nas obras, um cheque de 25 mil. A Maria Odete, do Porto, com 2000 escudos; e, da capital, um cheque de 20 mil e os votos natalícios.

Também de Braga, «sem qualquer referência no nosso e vosso jornal» — que me perdoem a indiscrição — 4 notas de 5 mil. De Leiria, outra vez, e depois de tanta fruta que lá fui buscar, mais 6 mil. É a mesma pessoa que me ajudou a carregar as caixas e a mesma amizade. De Figueiró, 3 mil e os respectivos votos a valerem mais.

Passei pelo Lar e estavam lá 20 mil. O amigo, do costume, veio desta com 60 mil. Estavam também no Lar. Ainda de Coimbra voltaram pelo correio mais 2500 escudos: «É uma pequena lembrança...»

De Elvas, 100 contos e palavras repassadas de admiração e carinho por nós. A terminar: «Contem sempre com os amigos de

Elvas...», e a promessa de tornar. Da Lousã, mais 10 mil. Metade, da Mealhada; e, de Coimbra, mais 30 mil «para um Natal melhor».

Isabel, de Aveiro, 10 notas de mil e estas palavras tão lindas: «Se o silêncio é de circo que o meu coração fique em silêncio para mais facilmente dar graças a Deus pela maravilhosa Obra que idas levando por diante cuidando das nossas crianças, tanto cá como nas benditas terras de Angola...».

Amigo, da Lousã, com mais 100 contos e feliz Natal para os Gaiatos. Outra vez, de Coimbra, mãe e filha com 16 contos e a recomendação de serem para o bolo-rei. Mais 5 vezes 5 mil, vindos de Coimbra e, na volta do correio, outra vez Coimbra com carradas de votos e de notas.

Amigo, do Brasil, com 100 dólares. E, da Alemanha, 500 marcos para pagar as assinaturas 31488, 45441, 32854, 35570, 46113, 45442, d' O GAIATO.

Quase a encerrar a Tribuna, torna Coimbra com 25 mil «para que Deus vos ajude a formar bons homens». E fecha com esta carta, também de Coimbra: «Sou assinante d' O GAIATO, há muitos anos, que sempre leio e medito. Nele encontro o Evangelho. Nele tenho encontrado a maior, a mais valiosa ajuda para vencer (ir tentando vencer, melhor dizendo) as dificuldades que a vida nos traz... Bem, eu queria dizer quantas e quantas lições tenho colhido na leitura atenta e na meditação profunda d' O GAIATO. Obrigado Senhor, por nos dardes, através da Obra da Rua, o Teu Evangelho intensamente vivido...».

É o «sermão» final desta procissão maravilhosa de partilha para com a Casa do Gaiato, neste Natal. Muitos mais foram os «romeiros»; que me perdoem a omissão involuntária de nomes e de números. Foi um percurso lindo, feito de palavras e de gestos comprometedores. Graças a Deus! Os rapazes sabem. Eu, com eles rezo. Com eles e convosco faremos tudo para que o Natal não passe.

Padre João

O NOSSO JORNAL

Prenda de Natal

Eu também tive a minha prenda de Natal. Finalmente! Não a prenda de Natal..., mas esta! Foi a solução dos problemas do endereçamento do nosso Jornal. Tem sido uma pequena odisseia quinzenal que se passa nos bastidores e da qual ninguém dá conta. A velha «Cytografe» rebenta pelas costuras e digamos que está no seu direito. São muitos anos de serviço; milhões de exemplares d' O GAIATO que nela receberam o endereço dos seus destinatários; dezenas de mãos de várias gerações de rapazes que nela executaram este importante serviço. Cada edição custa-nos *dores de pressa*. Será desta o seu «canto do cisne»?... E quase sempre estes *partos* têm de ser assistidos pelo mecânico, chamado à pressa para paliativo do momento, pois remédio que cure já não é possível. O que também não custa pouco!

Com a vinda de uma máquina de cintar da Imprensa Nacional, que no-la cedeu por preço simbólico, julgámos ter o problema resolvido e da melhor maneira, já que a cintagem

é a regra universal para expedição de jornais. A máquina havia sido restaurada meses antes. É robusta e está impecável. Apenas, feita para cintar volumes grossos, como os *Diários da República* e outras edições da Imprensa Nacional, não foi possível afiná-la para a espessura quase de mortalha que é a do nosso Jornal. Tentámos, durante meses, com a experiência do mecânico que veio montá-la e com a paciência grande dos nossos Júlio Silva e Jorge Alvor. Saíam umas dúzias de jornais cintados a preceito, mas logo a máquina encravava e eram horas e horas de desgaste antes que se repetisse a proeza.

Voltámos ao princípio. Tivemos de pôr de novo a hipótese das etiquetas, que se abandonara por ser mais dispendiosa e por não acharmos máquina de etiquetar resistente ao trabalho contínuo de 54.000 jornais a expedir, tal é o número no presente, aquém da expectativa do próximo futuro. O mercado é farto em máquinas destas, mas para serviços de escritório, frágeis. Finalmente a «desejada» caiu das núvens. Veio dos Estados Unidos e nem sequer foi cara. Ela aí está e é um regalo vê-la debitar jornais ao ritmo de 8.000 por hora,

que é a velocidade adoptada para este nosso arranque, posto ela seja capaz de três vezes mais.

Com esta dificuldade por vencer, tornou-se temeroso o aumento do número de assinantes. Tanto os desejamos e quase nos assustavam aqueles que vinham por seu pé ou por mão de outrém! Há dois anos, pois, que não saíamos ao encontro deles, depois de uma experiência tão gratificante que, em vários anteriores, nos permitiram crescer ao ritmo de três a quatro mil por ano.

Campanha de assinaturas

Este fim de semana marcou o nosso feliz regresso à campanha de assinaturas. Padre Horácio estava. Há muito eu tinha prometido a dois dos nossos transmigrantes levá-los de visita, um à sua Bisavó, outro à sua Avó, duas velhinhas preciosas que os criaram e por amor deles se privaram da sua companhia para que se façam homens, do que elas sentiam já não serem capazes de se encarregarem. Além do obstáculo do transporte, ambas enjoam e têm pavor de viajar — por isso se consumiam de saudades sem os poderem ver. Pois fomos nós.

Sábado de manhã, rodas ao caminho, fizemos a primeira paragem em Vila Pouca de Aguiar. Ficou o Marco Paulo. Dali, continuámos até Macedo de Cavaleiros, onde mora a Avó do Carlos Serapicos. E como para mim — não fosse já bastante o comungar na alegria das duas santas velhinhas e dos seus netos! — sobrava tempo, propus ao Pároco de Macedo falar aí nas Missas de domingo e fui fraternalmente acolhido.

À partida perguntei ao Carlos Alberto e ele foi colher a resposta ao computador: Na área do Código Postal de Macedo de Cavaleiros contávamos 26 assinantes. Pois agora são mais 135. Outros tantos lares onde o «Revolucionário» irá produzir os efeitos que lhe são próprios; quer dizer: mais 135 Famílias com que enriquecemos a nossa grande «Família de fora»; mais corações amigos a pulsar com os nossos e abertos ao «amor em obras e em verdade» a tantos outros irmãos de quem O GAIATO lhes levará notícia.

Deus seja louvado!
Foi um dia feliz!

Padre Carlos

Nunca O GAIATO estimulou a vaidade humana ou arrancou o valor sobrenatural das dádivas materiais publicando o nome de quem nos ajuda.

É pedagogia evangélica ditada pelo Mestre, com a sábia firmeza de *Quem é a Verdade*: «Quando deres esmola não permitas que toquem trombeta diante de ti como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que fez a direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai que vê o oculto, premiar-te-á».

O discípulo de Jesus chamado Padre Américo seguiu à risca a sabedoria do Seu Mestre e ensinou-nos com autoridade profética a fazer o mesmo.

São inúmeras as dádivas aqui chegadas com recomendação certa: anónimo.

Se passo recibo — e faço-o, muitas vezes, por causa do I. R. S., que o Estado já come muito na Casa do Gaiato — a minha atitude não viola, em nada, o princípio evangélico.

Se publico, algumas vezes, o que me dão, procedo de forma oculta, na consciência de que estou a gerir uma Obra apoiada pelo povo que tem o direito de saber.

Em 1991 gastámos, nas oficinas, nas obras, na ajuda à compra de casas para rapazes casados, na manutenção de 150 rapazes e ajudas variadas a Pobres cento e setenta mil contos. O Estado deu-me somente cerca de 5 mil contos, mas levou-me muito mais em I. V. A.

As festas, os peditórios e o Natal são as fontes mais abundantes das nossas receitas.

A campanha a favor da ajuda à aquisição de casa para os nossos rapazes que vão constituindo família, caiu seriamente no coração de muitos leitores e o correio traz-nos diáriamente as suas respostas comprometidas.

Mal se iniciou o Advento, um casal que acompanhei no movimento de Casais de Santa Maria, há décadas,

SETÚBAL

Pai Américo seguiu à risca a sabedoria do Mestre

mandou 180 contos. De há anos a esta parte tem reparado as suas economias conosco fugindo à terrível tentação actual: instalar-se na vida.

Depois vieram trinta, da Maria Ana; e mais quinze a seguir: do Ângelo, da Margarida, da Alice, do Ferdinando, da Rosa, da Tita, num batizado, da paróquia de Águas de Moura, da Maria Arminda, da Isabel, de alguém de Almada, da Cova da Piedade e do António.

O João transfere mensalmente da sua para a nossa conta dez mil escudos; tanto ele como a esposa têm um medo horrível de se instalarem. A mesma quantia nos veio de Lisboa, de Setúbal, de Vendas de Roncão, Castelo Branco, Porto, Monte Gordo, Cova da Piedade, Coimbra, Reguengos de Monsarás, Cascais, Palmela, S. Miguel-Açores, Portimão, Quinta do Anjo, Verdemilho, Castelo Mendo, Cruz de Pau, Praias do Sado, Sarilhos Grandes, Amadora, Barreiro, Mealhada, Almeirim, Sesimbra e Lagos.

Vinte contos, do José Manuel, da Germana, do Grupo Pai Nosso, dos Manos de Setúbal, da Fernanda da África do Sul, do Paulino, Maria Cândida, Esmeraldina, Benjamim, Guilherme, Maria João, dum Escola de Condição de Setúbal, do Domingos que vem muitas vezes ao longo do ano, do Pedro, de Lagos e da Quinta do Conde.

Cinco contos de Cascais, Almada, Parede, da Maria da Conceição, Leopoldina, Maria Irene, Dinorah, mais Setúbal, Maria Helena, Maria de Lourdes, Helena, António, Maria Vitória, Maria do Rosário, Francisca, Edite, Cândida, Parança, Ana Luzia, Rosalina, Maria Ilda, Maria Marta, Gina, Maria dos Remédios, Joana, Irene, José Felício, Rui, João, Nuno, Maria

Manuela, Joaquina, Belmira, Margarida, Ana Batista, Amélia, Teresa, Maria Elisa, Silvina, Isolete, Maria Eugénia, Aydeé e Carlos.

Quinze, dos Funcionários do B. N. U. de Algés, do Alfredo, do Armando, Maria Luzia, Francisca, de alguém num envelope, Prudenciana, Fernando, Delfina e do Barreiro.

Cem contos de uma Congregação Religiosa, da Maria Adelaide, da Portucel, da Maria Antónia, do José Miguel, dos senhores que nos dão o vinagre todo o ano, do António Marques, do Henrique, do António Simões, de Coimbra, Maria Assunção, da Armada e do Luís Gonzaga. A Paróquia do Seixal continua a bela tradição de peregrinar para este santuário perto do Natal e trouxe, com muitos mimos, 178 contos. O mesmo fez a Misericórdia de Arraiolos: com os pequeninos que acolhe, cantou por aquela Vila alentejana as Janeiras e, com eles, veio repartir 95.700\$00.

Renúncias de Trabalhadores

Os trabalhadores da Portucel fizeram a sua colecta e entregaram 193.152\$50. Que os animadores desta acção de bem não desanimem nunca! Os do Centro Regional de S. Social, da mesma maneira: 51.813\$50. Um grupo da Inapa 30 contos. Outro grupo da Secil, 82.500\$00. A Empresa tem-nos dado todo o cimento e tem sido muito, mais 15 relógios para prenda de sapatinho aos rapazes, renúncia do bolo-rei e vinho do Porto dos trabalhadores que na noite de Natal laboram na fábrica. A campanha da D. Luzia rendeu vários lençóis, uma peça para eles e 95.000\$00.

Cinquenta contos de Viane, do António Francisco, do Alfredo à mão, dum amigo doente, do Peloto, da Maria Isabel, do Jorge Manuel, do António José, Coutinho, Olímpia e do Ilídio.

Dois mil escudos do Paião, de Cascais, da Domicília, do Casal Ventoso, da Celeste, da Belmira, de Santana e da Helena. Três mil da Idália, da Leontina, do Rui, da Natividade, da Madalena, da Maria Marques, Rosário e da Califórnia. Seis contos da Maria Joaquina e sua mãe, Anica, Belmira e Júlia, José Lucas, Maria Umbelina.

Amiga, de Águas de Moura, 55 contos; de Elvas, 16 contos; Maria Helena, de Almada, 150 contos. De Cabanas, 40.500\$00. Dum velho Amigo setubalense que nunca se esquece do Natal nem da Páscoa, 200 contos. De outro, trezentos. Mais ainda de um outro, de Aveiro, que daqui saiu nos tempos difíceis e sempre nos recorda nesta quadra: 200 contos. Do João Miguel, oitenta. Do Joaquim, sessenta. De Vendas Novas, cento e trinta.

Se fosse a dizer tudo O GAIATO não chegava!

Bolos-reis de vários lados e das Paivas uma carrada, cozidos de propósito para nós. Mercaria, doces e bacalhau de uma empresa, de Lisboa, por meio do Padre Cristóvão. Um amigo que nos deu quase toda a farinha para o pão do ano, cotiza os amigos e manda, com as Boas Festas, 878.000\$00. Mais uma fornada de pão da Quinta do Anjo que deu para uma semana. A gente congela-o fresquinho e ele conserva-se saboroso como à saída do forno.

Se fosse a dizer tudo, O GAIATO não chegava!

Apareceram os frangos para assar, a carne para guisar, as bananas e as uvas, mais as maçãs para a sobremesa. Os brinquedos e os bombons para as prendas. Bendito Natal. Bendito Deus que assim se manifesta no coração dos homens.

Padre Acílio

Vistas de Dentro

O GAIATO corrente de união

Andei todo o dia em Coimbra com a carrinha a entregar o jornal aos quatrocentos fregueses de um dos nossos vendedores. Ele esteve doente quatro meses e meio, e seus Amigos ficaram todo este tempo sem O GAIATO.

Consolei-me ao sentir o carinho que todos têm por este nosso rapaz e pela grande amizade e delicadeza

que ele tem por todos. Com que gestos de carinho aconselhava os dois que andavam a entregar o jornal com ele! «Toca a campanha com cuidado que essa senhora já é velhinha». «Não faças barulho nas escadas para não incomodar as pessoas». «Não comas na rua o que te dão, mas guarda na saca para depois».

Ficou-me muito no coração e na alma a alegria daquela senhora quando lhe entregaram o jornal: «Olha o

meu querido jornalzinho que tanta falta me tem feito!».

Tantos gestos de carinho o Diamantino recebeu neste dia e tantos que ele também distribuiu! Sentí bem os laços de família que nos unem todos e o dia que não me custou muito passar todo ao volante. Também me senti mensageiro do Bem.

O GAIATO continua a ser uma corrente de união.

Padre Horácio



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239